

A MÚSICA QUE AGRADA A DEUS

A música foi instituída por Deus, no Céu, a fim de ser executada pelos seres criados como um ato de adoração ao Criador. Adorar é a expressão de amor e gratidão por quem Deus é e pelo que fez e faz por nós. Quando adoramos a Deus, estamos oferecendo todo o nosso ser a Ele. Assim, adorar é agradar a Deus e é ação contínua entre os seres celestiais (1º S.E.E. – Comunhão e Santidade. D.S.A. da I. A. S. D. p. 89 e 90). A adoração está centralizada unicamente em Deus e não no gosto do adorador.

A música é um meio tão intenso e importante de contato dos seres criados com seu Criador que Deus doou a Lúcifer capacidade inigualável para executar e dirigir a música celestial. Assim ficou instituída, desde o Céu, a Música Sacra, separada para um propósito santo - agradar a Deus.

Com a decisão de Lúcifer de não mais adorar a Deus e sim de ser adorado, foi destituído de suas funções e privilégios e expulso do Céu. Não perdeu porém, a capacidade musical que recebeu. Aqui em nosso planeta usa sua esplêndida capacidade para fazer também da música um ato para sua adoração e desvirtuar, assim, a adoração a Deus. Em vista disso, através da música os seres humanos podem adorar ao Criador ou a Satanás.

No decorrer deste artigo veremos as características da verdadeira adoração e da música perfeita do Céu; as mudanças que a música sofreu após a influência de Satanás e quais os efeitos que os principais elementos da música exercem em nosso corpo; como a música profana se misturou com a música sacra e com a adoração, e por fim, qual o tipo de música que agrada a Deus e que será usada para Sua adoração pela eternidade.

ADORAÇÃO – A adoração é o tema do conflito entre Cristo e Satanás porque ambos desejam nossa adoração. Muitas pessoas hoje tendem a ver a adoração como uma atividade que visa trazer benefícios para elas mesmas. Elas querem tocar, sentir e receber algo. Contudo, o objetivo da adoração é render honra e tributo ao Criador, sentir Sua presença e conectar-se à fonte da vida.

Na adoração, o crente tem uma nova visão de Deus e de si mesmo. Ele reconhece sua condição de pecador, busca a graça, e então se sente perdoado, purificado e transformado. Além disso, aceita a missão de Deus para sua vida e leva a adoração para o espaço secular, vivenciando o sagrado no dia-a-dia. Assim sendo, não é suficiente ir à casa de Deus adorá-lo e prestar-Lhe culto; é necessário que essa adoração e culto sejam aceitos por Ele assim como a oferta de Abel, e não rejeitados como a de Caim. Por isso, deve ser espiritual e

verdadeira. Isso significa que a adoração precisa ser centralizada em Deus; ser mediada por Cristo; ser orientada pela Palavra de Deus; envolver todo o ser; ser voltada para o passado, o presente e o futuro e expressar exteriormente o que está no interior (www.musicaeadoracao.com.br: Marco de Benedicto. *Revista Sinais dos Tempos*, Maio-Junho, 2003, pp.07-10).

A queda do homem afetou todos os aspectos da sua vida e do seu ser, e decadência e degeneração foi o resultado natural. O diabo usou a ferramenta do engano, com o propósito expresso de desacreditar o Criador. No conflito entre o bem e o mal que se seguiu, o qual já estava firmemente estabelecido e que continuou através dos tempos, houve evolução deste engano básico. Para cada boa coisa provida por Deus, Satanás providenciou uma contrafação. Sábado pelo Domingo ou outros dias; Casamento - da monogamia para a bigamia, para a poligamia, ou casamentos em série; Adoração a uma única divindade, o verdadeiro Deus, para a idolatria. Em razão disso, os nossos sentidos não devem ser a única base de julgamento, uma vez que o pecado é, normalmente, agradável (o inverso não é, necessariamente, verdadeiro - fazer o que é certo é desagradável) e a determinação do que é certo ou errado não está baseada em um voto da maioria (www.musicaeadoracao.com.br: Vernon E. Andrews. *Avaliação da Música na Igreja: uma abordagem Bíblica*, agosto, 1988)

Na Bíblia o apóstolo relata as palavras de Cristo dizendo que verdadeiros adoradores adorarão a Deus em espírito e em verdade, porque são estes que o Pai procura para seus adoradores (João 4: 23). Paulo diz para orar e cantar com o espírito (emoções) e com entendimento (a mente) (1 Cor. 14:15). A profetisa do Senhor também esclarece a cantar com espírito e entendimento (Ellen G. White. *Mensagens Escolhidas*, C. P. B. Tatuí, SP, 2ª ed. 1986, Vol. III, p. 335). Podemos entender, assim, que a adoração deve ser um evento intelectual e emocional, realizada de maneira a utilizar tanto o espírito (sentimento e emoções) quanto a mente (razão, raciocínio, vontade, discernimento, verdade). Além disso, as emoções devem estar sobre o controle da mente (1 Cor. 14:32). A palavra de Deus explica porque a adoração deve ser desse modo (João 4: 24), pois Deus é espírito, ou seja, não possui corpo físico semelhante ao nosso ou da mesma matéria que a nossa, por isso devemos oferecer uma adoração intelectual e com emoção.

Quando adoramos a Deus em espírito (emoções) e em verdade (mente), entramos numa conexão tal com Ele que experimentamos transformação pessoal. Portanto, a adoração não é algo centrado em nós, mas em Deus.

“Deus sempre deixou claros os princípios que regem a verdadeira adoração. A fim de remover toda dúvida quanto ao que lhe é aceitável, Deus poderia facilmente ter revelado Sua

vontade em relação à música e à adoração num único capítulo ou livro da Bíblia, como Ele fez com os Dez Mandamentos, mas Ele escolheu não fazê-lo. Em vez disso, Ele deu princípios infalíveis em sua palavra que governam e transcendem as questões de cunho cronológico, étnico, cultural e gosto individual” (Eurydice V. Osterman. *O Que Deus diz sobre a Música*, Unaspres, Eng. Coelho, SP, 4ª ed. 2004, pp. 1-2). Ele tem realizado isto desde o Céu, depois no Éden, durante a instituição da nação de Israel, na igreja cristã primitiva e, ultimamente, pelas palavras escritas nos livros do Espírito de Profecia.

Enquanto a música executada para adoração a Deus seguir estes princípios continuará sendo Sacra. Por outro lado, devido à influência de Satanás no mundo, surgiu música diferente a qual não é apropriada para a adoração a Deus, não agrada a Ele, ou seja, é música profana, comum. Diz-se profano em oposição ao sacro, aquilo que não é próprio para as funções do culto (*Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete*, Editora Delta, Rio de Janeiro, 5ª ed. 1964).

“Uma vez que a música é a única arte que será levada desta terra para o Céu, Deus não nos deixou em ignorância sobre isto. Ele nos deu Sua palavra, o Santo Espírito e o Espírito de Profecia para nos guiar ao tomarmos nossa decisão que terá impacto sobre nosso destino eterno” (Eurydice V. Osterman. *O Que Deus diz sobre a Música*, Unaspres, Eng. Coelho, SP, 4ª ed., 2004, p. XV).

MÚSICA DO CÉU - Como a verdadeira música de adoração a Deus é aquela executada no Céu, precisamos analisar as características da música celestial a fim de também O agradarmos em nossa adoração. Eis os relatos feitos pelo Espírito de Profecia com relação à música sacra celestial:

- 1) [...]“**Acordes musicais perfeitos, suaves e melodiosos.** O cântico dos anjos **não irrita os ouvidos.** É macio, **melodioso** e sem esforço físico” (Ellen G. White. *Mensagens Escolhidas*, C. P. B. Tatuí, SP, 1ª ed., 1987, Vol. 3, p. 333).
- 2) “As notas longamente puxadas e os sons peculiares, comuns no canto de óperas, não agradam aos anjos. Eles se deleitam em ouvir os simples cantos de louvor entoados em tom natural. Os cânticos em que cada palavra é pronunciada claramente em **tom harmonioso**, são os que os anjos se unem a nós para cantar. Eles tomam o estribilho entoado de coração com o **espírito e o entendimento.**” (Ellen G. White. *Evangelismo*, C. P. B. Tatuí, SP, pp. 510-511).
- 3) “Entre os anjos não há exhibições musicais tais como: **movimentação física, voz áspera e estridente, uso de todo o poder e volume de voz que é possível.** Isso não traz nenhuma

melodia para aqueles que a ouvem na terra ou no céu. **Essa maneira não é aceitável a Deus** “(Ellen G. White. *Mensagens Escolhidas*, C. P. B. Tatuí, SP, 1ª ed. 1987, Vol. 3, p. 333).

4) “O coro dos anjos **não apresenta notas estridentes e gesticulações**” (Ellen G. White. *Manuscrito 5*, 1874).

5) “Deus não se agrada de algaravia (barulho; confusão de vozes; algo difícil de compreender) e **dissonância**” (E. G. White. *Conselhos Sobre a Música*, IAE, SP, 1989, p. 23).

6) Quando os salvos se reunirão no céu: “Os anjos dirigentes desferirão o **tom**, e então todas as vozes se alçarão em louvor grato e feliz, e todas as mãos deslizarão habilmente sobre as cordas da harpa, originando uma **música melodiosa, com acordes ricos e perfeitos**” (Ellen G. White. *Primeiros Escritos*, C. P. B. Tatuí, SP, pp. 288-289). “Seus dedos não corriam pelas cordas descuidosamente, mas faziam vibrar diferentes cordas para produzir **diferentes acordes... majestosa e perfeita música do Céu**” (Ellen G. White. *Visões do Céu*, C. P. B. Tatuí, SP, 1ª ed. 2004, p.182).

7) “Depois dos anjos dirigentes, todas as mãos deslizam com maestria sobre as cordas da harpa, tirando-lhes uma **música suave em ricos e melodiosos acordes**. Diante da multidão está a cidade santa. Jesus abre as portas e a angélica multidão entra por elas, enquanto a música prorrompe em arrebatadora **melodia**” (Ellen G. White. *O Grande Conflito*, C. P. B. Tatuí, SP, 27ª ed. 1981, p. 651; *O Desejado de Todas as Nações*, C. P. B. Tatuí, SP, p. 833).

8) “Por entre o agitar dos ramos de palmeiras, os redimidos derramam um cântico de louvor, **claro, suave e melodioso**; todas as vozes apreendem a **harmonia** até que reboa pelas abóbadas do Céu...” (Ellen G. White. *Visões do Céu*, C. P. B. Tatuí, SP, 1ª ed. 2004, p. 180).

Examinando o que foi relatado nos livros do Espírito de Profecia, podemos notar que a música de adoração executada no Céu, considerada perfeita, distingue e enfatiza apenas dois dentre os elementos que a música possui: a harmonia e a melodia. Ela é entoada com o espírito (emoções) e entendimento (mente). Além disso, não há exhibições musicais tais como: movimentação física, discordância (dissonância), voz áspera e estridente ou uso de todo o poder e volume de voz que é possível.

“Para a alma crente e humilde, a casa de Deus na Terra é como que a porta do Céu. Os cânticos de louvor, a oração, a palavra ministrada pelos embaixadores do Senhor, são os meios que Deus proveu para preparar um povo para a assembléia lá do alto, para aquela reunião sublime à qual coisa nenhuma que contamine poderá ser admitida” (E. G. White. *Testemunhos Seletos*, C. P. B. Santo André, SP, 5ª ed. 1985, vol. 2, pág. 193).

Em nossos dias temos acesso a informações científicas, conselhos inspirados e experiências da vida que nos proporcionam um meio adequado para compreender a natureza e objetivos básicos da música. Para os adventistas do sétimo dia que lêem e aceitam os escritos de Ellen G. White, o objetivo da música é claro: louvar e glorificar a Deus e edificar o homem. Ela é um meio pelo qual Deus pode comunicar-se conosco e revelar alguns aspectos de sua natureza divina. Como tal, pode ser usada para promover a saúde física, emocional e mental do indivíduo. Visto que a música pode ter acesso ao cérebro e ser desfrutada sem que seja avaliado o seu conteúdo moral, é fácil de ver como Satanás pode obter acesso à mente. Deste modo ele é capaz de obscurecer as percepções espirituais, bem como suscitar ou estimular certos estados emocionais (*www.musicaeadoracao.com.br*: H. Lloyd Leno. *Influência Sobre a Mente*. Revista Adventista, abril de 1977, pp. 40 a 43).

O poder da música possui uma dinâmica maior do que é normalmente compreendido. Ela pode divertir, controlar o humor, levar às lágrimas, incitar à ação ou movimento, etc. A experiência de Saul e Davi aponta para o poder da música. A referência aqui é, essencialmente, à música sem palavras. Quando existe a combinação da letra com a música o impacto pode ser ainda mais revelador. E. G. White faz o comentário, "É um dos meios mais eficazes para impressionar o coração com as verdades espirituais." (*Educação*, C.P.B. Santo André, SP. 5ª ed. 1977, p. 167). Precisamos nos lembrar que a música não é apenas um veículo para as palavras, mas tem uma mensagem em si mesma. Ela tem poder para ressaltar a mensagem das palavras que acompanha ou para corrompê-la. A música pode enobrecer o impacto das palavras ou diminuí-lo (*www.musicaeadoracao.com.br*: Vernon E. Andrews. *Avaliação da Música na Igreja: uma abordagem Bíblica*, agosto, 1988).

As emoções estimuladas pela música devem estar adequadas às palavras. As palavras acerca do Amor de Jesus apresentada com uma música que estimula ira, violência e agressão produzem uma comunicação confusa da verdade, a qual é moralmente repreensível e não apenas uma questão de gosto (*www.musicaeadoracao.com.br*: W. H. M. Stefani. *Música e Moralidade: O Cristão e a Música Rock*. p. 354).

O que causa as diferenças na resposta à música, já que toda música utiliza um meio comum - o Som? Sinteticamente, a resposta é esta: Embora o meio seja o mesmo a mistura dos elementos é diferente e isto é crucial (*www.musicaeadoracao.com.br*: Vernon E. Andrews. *Avaliação da Música na Igreja: uma abordagem Bíblica*, agosto, 1988). Os principais elementos de uma composição musical são: melodia, harmonia, ritmo, timbre e andamento. O que define o tipo de música é a disposição e a relação entre seus elementos e os efeitos que eles produzem no organismo dos ouvintes.

COMO A MÚSICA É PERCEBIDA E AFETA O CORPO: Música é a arte de combinar os sons de um modo agradável ao ouvido. O som é uma forma de energia que se propaga através de ondas de compressão e descompressão do ar. Quando essas ondas chegam aos nossos ouvidos as células ciliadas do interior da cóclea as transformam em impulsos elétricos. Esses impulsos são conduzidos pelos nervos, por isso também são chamados impulsos nervosos.

As ondas produzidas por uma fonte sonora podem ter ou não comprimento definido (frequência determinada). A maioria dos sons é formada por um conjunto de ondas com comprimentos variados. Quando ondas sonoras com comprimento definido são transformadas, no ouvido, em impulsos nervosos, serão traduzidas pelo córtex (camada cinzenta mais externa do cérebro) auditivo como um Tom. Os tons agradam nossos ouvidos de uma maneira como não conseguem fazer os sons. A música exige tons que tenham altura e duração fixas. Estas proporcionam ao Cérebro condições de descobrir relações e proporções entre si e, assim, ir compondo um edifício musical (Robert Jourdain. *Música, Cérebro e Êxtase*, Editora Objetiva, Rio de Janeiro, 1998, pp. 57 e 94).

Quando uma fonte sonora envia ondas sem comprimento definido (frequência indeterminada) nosso cérebro, indistintamente, traduz essa informação como ruído (barulho). Este tipo de som é compreendido como uma agressão e, por isso, nosso organismo se prepara para enfrentá-la na forma de uma reação de estresse. Os mecanismos utilizados para isso são tão potentes que, fisiologicamente, são utilizados durante uns poucos minutos apenas, caso contrário se tornam mais prejudiciais do que benéficos ao nosso corpo.

Semelhantemente a qualquer situação de estresse ocorre um aumento marcante na liberação dos hormônios Cortisol e Adrenalina a fim de preparar nosso corpo para a fuga ou para enfrentar à agressão (luta). Esses hormônios liberam glicose dos locais de armazenamento, diminuem a utilização de glicose nos tecidos fazendo com seu nível sanguíneo aumente; proporcionam maior fluxo de sangue para os músculos; aumentam a pressão arterial, e deprimem o sistema imunológico (diminuem a capacidade de combater doenças)(MuSICA Research Notes, vol. IV, edição 2, Outono de 1997: Norman M. Weinberger. *The Musical Hormone*, <http://www.musica.uci.edu/mrn/V4I2F97.html>; R. A. Rhoades e G. A. Tanner, *Fisiologia Médica*, Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 2ª ed. 2005). O estresse é produto do hemisfério esquerdo do cérebro. Se esse lado for predominante e se não soubermos vivenciar as situações de tensão, poderemos ficar mais vulneráveis a problemas graves, como infarto ou derrame (Adriana Toledo. *Saúde é Vital*, ed. Abril, SP, julho 2008, p. 80).

Portanto, para nosso sistema nervoso interpretar a melodia e a harmonia da música as ondas sonoras que chegam ao sistema auditivo devem ser Tons, ou seja, ter comprimento definido (frequência determinada). Existem vários instrumentos que produzem Tons: piano, flauta, violino, trompete, clarinete, etc., mas outros instrumentos, porém, não produzem Tons e sim ruído: sinos comuns, castanholas, chocalhos, pratos, vários tipos de tambores (caixa, bumbo, pandeiros, bateria, etc.). Por isso, o que a maioria dos tambores fazem é exatamente uma explosão de barulho (Robert Jourdain. *Música, Cérebro e Êxtase*, Editora Objetiva, Rio de Janeiro, 1998, p. 65).

Assim, instrumentos musicais que não produzem tons, mas ruídos aumentam os níveis dos hormônios do estresse nos ouvintes e, na relação entre os três elementos musicais analisados, somente podem ser usados para acentuar o ritmo, pois não produzem harmonia nem melodia.

O volume ou intensidade do som igual ou acima de 90 decibéis, além de alcançar os ouvidos, gera ondas sonoras que produzem vibrações no nosso corpo. As frequências mais graves têm uma influência poderosa no corpo e nas emoções (*Interview in Vecko Revyn*, N°. 41, 1979, p.12). Quanto mais grave o som maior o comprimento e menor a frequência da onda sonora e mais intensa é essa influência. Portanto, sons nesta intensidade além de serem ouvidos são literalmente "sentidos" pelo organismo. Estas vibrações afetam o funcionamento dos órgãos internos e também estimulam a liberação dos hormônios do estresse (MuSICA Research Notes, vol. IV, edição 2, Outono de 1997: Norman M. Weinberger. *The Musical Hormone*, <http://www.musica.uci.edu/mrn/V4I2F97.html>).

Pesquisas revelam que dentre os elementos da música, a Harmonia é percebida (torna-se consciente), predominantemente, no Córtex Auditivo do hemisfério direito do cérebro. A Harmonia é a ciência de combinar sons de uma forma que soem bem juntos, pois assim nosso sistema nervoso os traduz como algo agradável. Aos sons que se combinam chamamos de consonantes, os restantes são dissonantes, pois falta ordem e relação entre eles, assim, se forem percebidos pelo sistema nervoso como dissonantes (barulho, ruído), provocam desconforto e ansiedade (agonia) nos ouvintes (R. Jourdain. *Música, Cérebro e Êxtase*, editora Objetiva, Rio de Janeiro, 1998, p. 139 e 153).

Estudos demonstram que há um caráter inato na consonância clássica, onde a estruturação harmônica é conseguida quando os sobretons têm frequências múltiplas do tom fundamental. Tanto é assim que bebês com poucos meses de vida, assim como, cobaias de laboratório, demonstram preferir os intervalos consonantes (harmoniosos) em relação aos

muito dissonantes (intervalos de semitom paralelos) (www.mentecerebro.com.br: Norman M. Weinberger. *Mente e Cérebro: Segredos dos sentidos*, Ediouro, SP, pp. 47-53).

Na membrana basilar da cóclea, no ouvido, a frequência do som é determinada pela posição da vibração e os impulsos nervosos são enviados com um padrão de periodicidade e simetria. A interpretação fisiológica psicoacústica é de que o sistema nervoso elabora o conjunto dos sinais mais facilmente quanto menor a sua complexidade. Para isso usa uma rede neural mais simples e esta circunstância gratificante é que dá origem à consonância. Os sinais de consonância clássica são preferidos (intervalo que vai da quinta perfeita à terça maior, incluindo quarta perfeita e sexta maior), pois são mais fáceis de iniciar e decifrar e, além disso, são mais próximos dos sons complexos naturais, mais familiares ao cérebro.

O gosto musical evolui da preferência nítida pela consonância clássica no momento do nascimento, já que esta consonância comporta reminiscências dos sons da natureza, para a exigência de estruturas mais complexas e desviantes na idade madura, quando o gosto se refina e se desenvolve (www.vivermentecerebro.com.br: Andréa Frova. *Revista Viver, Mente e Cérebro: Percepção – Como o cérebro organiza e traduz a realidade captada pelos sentidos*. Nº. 3 págs. 71-77).

A Harmonia reside em todo tipo de música, menos a puramente percussiva e ela é inerentemente intelectual (R. Jourdain. *Música, Cérebro e Êxtase*, editora Objetiva, Rio de Janeiro, 1998, pp. 139 e 143). Ao mesmo tempo em que o Tálamo (Núcleo do sistema nervoso central que recebe, processa e encaminha as informações vindas do ambiente) direciona estes impulsos nervosos, gerados pela harmonia, para o local de percepção auditiva, também os envia para serem processados no Córtex Pré-Frontal – camada cerebral mais externa no Lobo Frontal. O Lobo Frontal é a região do sistema nervoso central responsável pela razão, pelo raciocínio, pelo entendimento, por elaborar os pensamentos (mente), as decisões, ou seja, é a região intelectual do cérebro onde podemos analisar os conceitos adquiridos e decidir entre o certo e o errado. Essencial para a consciência – onde age o Espírito Santo.

Outro elemento da música, a Melodia, também é percebida, predominantemente, no Córtex Auditivo do hemisfério direito do cérebro. O hemisfério direito é particularmente importante na vida emocional (R. Jourdain. *Música, Cérebro e Êxtase*, editora Objetiva, Rio de Janeiro, 1998, p. 200). Os impulsos elétricos gerados no ouvido interno pela melodia da música são enviados pelos nervos e, através do tálamo, simultaneamente para o córtex cerebral e para o Sistema Límbico. As estruturas nervosas dessa última região são responsáveis por elaborar e desencadear os sentimentos e reações emocionais (emoções)

como: alegria, tristeza, ira, reverência, saudade, romantismo, sensualidade, excitação, paz, ansiedade, medo, etc. Em virtude de sua natureza cíclica, essas emoções não são intercambiáveis nem podem ser expressas simultaneamente. Por exemplo: Quando os padrões cíclicos de impulsos nervosos chegam ao cérebro em intervalos de 9,8 segundos provocam emoção de reverência; 8,2 segundos, amargura; 7,4 segundos, amor; 5,2 segundos, alegria; 4,9 segundos, impulso sexual e 4,2 segundos, raiva. Por isso, as emoções de alegria e raiva ou reverência e alegria não podem ser expressas simultaneamente, pois seus ciclos não coincidem (Eurydice V. Osterman. *O Que Deus diz sobre a Música*, Unaspres, Eng. Coelho, SP, 4ª ed. 2004, p. 89). Pesquisa publicada na revista *Current Biology* revela que a capacidade de reconhecer emoções básicas na música, como alegria, tristeza e medo, é universal e independe de influências culturais (I. Mocaiber, E. Volchan, L. Oliveira e M. G. Pereira. *Música emoção universal? Revista Ciência Hoje*, Nº 259, maio de 2009, <http://cienciahoje.uol.com.br/145138>).

Um terceiro elemento da música, o Ritmo, diferentemente dos outros elementos musicais, é percebido, predominantemente, no córtex auditivo do hemisfério cerebral esquerdo. O ritmo da música tem a capacidade de influenciar os ritmos do corpo, por isso, é o elemento da música que exerce influência nos mais variados locais do nosso organismo. Entre tantos podemos citar os efeitos sobre: a liberação dos hormônios nas glândulas, a liberação de neurotransmissores nos núcleos do sistema nervoso central, a pressão arterial, as ondas cerebrais e os movimentos corporais (L. O'Donnell. *Music and the Brain*, <http://www.cerebromente.org.br/n15/mente/musica.html>). Toda música executada com ritmo repetitivo, independente do instrumento que o produz, estoca energia (impulsos elétricos) nos músculos, fazendo com que eles se contraiam e relaxem ritmicamente a fim de liberar a energia armazenada, ou seja, produz movimentos físicos. Assim, pode ser útil para regular o passo, o tempo e a cadência dos movimentos (*Isto é*. Nº 2046, p. 68, 28/01/2009).

Toda música possui ritmo o qual pode ser classificado em dois diferentes tipos. O primeiro a ser considerado é aquele conhecido como padrões de batidas acentuadas que podem ser modificados pela sincopação e outros dispositivos a fim de torná-los mais interessantes. Apresenta uma sucessão regular e altamente previsível de notas enfatizadas. Este é o ritmo predominante na maior parte da música popular no mundo inteiro. Sua marca registrada é o incessante bater de tambores. Musicólogos classificam esse tipo de ritmo como *metro ou instrumental*. A segunda concepção de ritmo é completamente diferente, pois varia constantemente e não tem as acentuações repetitivas e compassadas do *metro*. Denominado *fraseado ou vocal* ele é construído por uma sucessão de formas sônicas irregulares, que se

combinam de várias maneiras. Este é o ritmo compatível ou concordante com o ritmo do movimento biológico natural (respiração, batimentos cardíacos, liberação pulsátil dos hormônios, ondas cerebrais, gestos) e que surge naturalmente da fala e da canção. Na música o *metro* dá ordem ao tempo e o *fraseado* confere uma espécie de narrativa. Quando um tipo de ritmo é enfatizado, ele tende a obscurecer o outro (Robert Jourdain. *Música, Cérebro e Êxtase*. Editora Objetiva, Rio de Janeiro, 1998, pp. 167, 168, 170-175).

Quando o som da música com ritmo repetitivo e acentuado (marcado), metro enfatizado, alcança nosso sistema auditivo é transformado em impulsos nervosos os quais são enviados a várias partes do organismo. Assim como o som musical, os movimentos do corpo desdobram-se através do tempo e então as sensações musculares são um meio apropriado para representar padrões rítmicos. Além de estimular os músculos a produzir movimentos físicos, as descargas de impulsos nervosos produzidas por ritmos que marcam ou acentuam os tempos fracos e os contratempos (sincopado) estimulam, também, vários centros nervosos no Tronco Cerebral como o Locus cerúleus, responsável pela liberação do neurotransmissor Noradrenalina e os Núcleos da Rafe, que liberam Serotonina. O Locus cerúleus também é fortemente ativado por estímulos sensoriais novos e inesperados (Robert Lent. *Cem Bilhões de Neurônios*, ed. Atheneu, São Paulo, SP, 2004). Os neurotransmissores, e/ou metabólitos gerados a partir deles, quando liberados em altos níveis ou durante um tempo maior que o normal, pelos núcleos do tronco cerebral, possuem ações semelhantes aquelas produzidas pelas drogas psicoativas (cocaína, nicotina, anfetaminas, etc.) no sistema nervoso central (Córtex Pré-frontal, Sistema Límbico, Cerebelo e Medula Espinhal) e podem produzir euforia, convulsões, transe, hipnose, tolerância e vício (Roger Liebi, *Rock Music! The Expression of Youth in a Dying Era*, Zurich, 1989; Vanderlei Dorneles. *Cristãos em Busca do Êxtase*, Unaspress, Eng. Coelho, SP, 3ª ed. 2006, p. 25).

A liberação aumentada de neurotransmissores como a Noradrenalina e a Dopamina produz efeitos em todas as partes do sistema límbico e do córtex cerebral. Um dos efeitos, no sistema límbico, é a estimulação do centro de recompensa (área tegmentar ventral, núcleos septais e núcleo accumbens) o que produz prazer. Tudo que produz prazer tende a ser repetido. Outro efeito ocorre na modulação da excitabilidade do Córtex Cerebral, pois, níveis aumentados de Noradrenalina e Adrenalina inibem as funções do córtex pré-frontal (mente, razão, discernimento) (Robert Lent. *Cem Bilhões de Neurônios*, ed. Atheneu, São Paulo, 2004). Além disso, a Adrenalina estimula os corpos amigdalóides cerebrais, supostamente o centro do comando emocional (MuSICA Research Notes, vol. IV, edição 2, Outono de 1997: Norman M. Weinberger. *The Musical Hormone*, <http://www.musica.uci.edu/mrn/V4I2F97.html>).

Isso pode levar à predominância das emoções sobre a razão (êxtase). Quando isso ocorre, a mente não consegue mais utilizar os conceitos do que é certo ou errado, ou mesmo utilizar o comando voluntário para controlar suas ações (Vanderlei Dorneles. *Cristãos em Busca do Êxtase*, Unaspress, Eng. Coelho, SP, 3ª ed. 2006, p. 161).

O ritmo repetitivo sincopado e marcado, semelhantemente às drogas psicoativas, aumenta os níveis de Neurotransmissores (Noradrenalina, Serotonina e Dopamina) e de Adrenalina no Sistema Nervoso Central e, por isso, acentua o prazer produzido pelo estímulo cerebral sobre o Centro de Recompensa. Esta sensação de prazer tende a ser repetida e, se não for repetida, o sistema nervoso central sente necessidade dela gerando, assim, a Dependência. Além disso, à medida que esta sensação de prazer é repetida um nível cada vez maior de estímulo é requerido para produzir o mesmo efeito anterior levando à Tolerância (H. P. Range e col., *Farmacologia*, 5ª ed. Elsevier, RJ, 2004). A tolerância reforça a dependência e, superando o controle voluntário do córtex pré-frontal, geram o vício. Portanto, a música ativa alguns dos mesmos sistemas de recompensa estimulados por comida, sexo e drogas (Norman M. Weinberger. *Mente e Cérebro – segredos dos sentidos*. Scientific American Brasil, Ediouro, SP, edição especial N° 12, pág. 53).

Verle Bell relata: Uma das mais poderosas liberações de adrenalina, na reação de fuga ou luta, acontece na música com volume forte, ritmo e acordes discordantes. Os músicos descobriram que a música que não segue as regras matemáticas exatas da harmonia e do ritmo corporal, faz com que o ouvinte experimente um clímax viciante. Assim como as anfetaminas causam dependência, os músicos utilizam o ritmo discordante ou sincopado para causar dependência e tolerância e assim vender bem. A mesma música que no passado criava uma sensação agradável de excitação, agora não satisfaz mais. Ela precisa se tornar mais estridente, mais intensa e mais discordante (Verle Bell. *“How the Rock Beat creates an addiction”* in *How to conquer the Addiction to Rock Music*, Oakbrook, IL, 1993).

MISTURA DO SAGRADO COM O PROFANO NA MÚSICA: Vimos que a música de adoração a Deus no Céu é executada com ritmo natural utilizando a melodia e harmonia, pois esses são os elementos da música que influenciam as emoções e a mente, respectivamente. Após a queda de Lúcifer e o pecado entrarem no mundo a música antes usada unicamente para adorar a Deus, mudou. Ele instituiu a música com ênfase no ritmo repetitivo, sincopado e marcado por instrumentos que produzem ruído a fim de afastar os homens da influência do Espírito Santo e de Deus. Essa música ao longo do tempo foi usada pelos povos pagãos para adoração aos seus deuses, estimular orgias e para induzir transe e possessão demoníaca

(Vanderlei Dorneles. *Cristãos em Busca do Êxtase*, Unaspres, Eng. Coelho, SP, 3ª ed. 2006; W. H. M. Stefani. *Música Sacra, Cultura e Adoração*, Unaspres, Eng. Coelho, SP, 2ª ed. 2002). Devido a seus usos e efeitos esta música foi designada profana. Música profana é aquela oposta à música sacra. Aquela que não é própria para as funções do culto (*Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete*, editora Delta, Rio de Janeiro, 5ª ed. 1964).

Hoje nos deparamos com música profana usada com palavras sagradas. Essa música é tocada e escutada nos lares, nas rádios, nos automóveis, nos lugares de shows populares e religiosos e, desinformadamente, na igreja como adoração.

A história revela que o uso de ritmos sincopados, com sua capacidade de alterar o estado de consciência, descende do antigo Egito. Nos templos os sacerdotes utilizavam intencionalmente síncofes complexas para induzir tranSES, êxtases, alucinações, convulsões e estados de inconsciência. Foi levada, depois, para a África central, Congo, onde se transformou no centro da religião Vodun (adoração ao demônio).

Através do comércio de escravos essa música e religião foram estabelecidas, no Haiti e República Dominicana (Caribe) onde ainda são praticadas, e também chegou aos U.S.A. onde se estabeleceu em New Orleans. Nesta mesma época europeus chegaram à América trazendo sua música religiosa composta de harmonia e melodia. Com o passar do tempo, escravos e não escravos começaram a misturar a pulsação rítmica tradicional da música africana com a melodia e harmonia da música cristã européia (www.musicaeadoracao.com.br: Louis R. Torres, *Adventists Affirm*. Vol 13, Nº 1, spring, 1999, pp. 17-20; Dario P. Araújo. *Música, Adventismo e Eternidade*, ed. Líder, Londrina, PR, 4ª ed. 2007, pp. 13-21).

Esta música com palavras sagradas misturada com o ritmo repetitivo, sincopado e acentuado, principalmente por bateria, tomou sua forma própria e passou a ser conhecida como música religiosa, evangélica (gospel), pop-religiosa ou comercial. No Dicionário Caldas Aulete Música Religiosa é definida como composição de caráter religioso, mas não enquadrada na música sacra formal (*Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete*, editora Delta, Rio de Janeiro, 5ª ed. 1964). Ora, podemos concluir que se não é considerada música sacra, então é profana (comum). Importante salientar, ainda, que as palavras cristãs não atenuam os efeitos físicos que os elementos da música gospel produzem e, por isso, não a tornam apropriada para adoração a Deus. Podemos presumir, assim, que esse ritmo repetitivo, sincopado e acentuado por instrumentos de percussão que produzem ruído, característico da música popular secular, é o elemento profano na música e, por isso, Deus não aceita que este seja misturado com o que é sacro ou sagrado (Lev. 10: 10 e 11 e

18: 30; 1 Cor. 10: 20-22; 2 Cor. 6: 14-17; Tiago 4: 4 e 1 João 2: 15-17; Ellen G. White. *Mensagens Escolhidas*, C. P. B. Tatuí, SP, 2ª ed. 1986, Vol. 2 pp. 36 e 37).

No passado o povo de Deus muitas vezes se afastou dos ensinamentos bíblicos e sofreu influência de música profana na adoração no templo de Israel: – Jezabel, rainha de Israel, trouxe música e dança da Fenícia. Não tardou para que o gosto por este tipo de música se desenvolvesse a ponto de misturarem a música do templo com esta música profana. Quando Deus ouviu no seu próprio culto os sagrados e solenes salmos misturados com a música sensual Fenícia, como moldura para sacrifícios, mandou o profeta Amós sacudir Israel com a mensagem: “Acabem com esse barulho (alarido, ruído) das suas canções, eles são um barulho que incomoda meus ouvidos. Não ouvirei suas músicas, por mais belas que sejam” (Amós 5:23, *Bíblia Viva*). Em adição, o Espírito de profecia diz que as forças das instrumentalidades satânicas misturam-se como alarido e barulho (Ellen G. White. *Mensagens Escolhidas*, C. P. B. Tatuí, SP, 2ª ed. 1986, Vol. 2, p. 36).

"Deus pronunciou uma maldição sobre aqueles que se afastam de Seus mandamentos e não fazem diferença entre as coisas comuns (profanas) e as coisas santas. Ele não aceita obediência parcial. É seu propósito ensinar ao povo que devem aproximar-se com reverência e temor e da maneira indicada por Ele. Deus requer hoje de Seu povo uma distinção tão grande do mundo, nos costumes, hábitos e princípios, como exigia de Israel antigamente." (Ellen G. White. *Patriarcas e Profetas*, C. P. B. Tatuí, SP, 7ª ed. 1985, p. 373, 484).

FUNÇÃO DA BATERIA NA MÚSICA: Assim como para descrever a música do Céu utilizei o relato da profetisa de Deus que escutou e viu a adoração celestial, usarei a experiência vivenciada e relatada por Karl Tsatalbasidis, um ex-baterista de banda Jazz que estudou com os maiores músicos do Canadá e hoje é cristão adventista, para descrever o uso da bateria na música. Eis as conclusões do autor:

- Pessoas sinceras confundem tambores e instrumentos de percussão com bateria e este erro leva a conclusão falsa de que, como a Bíblia menciona alguns instrumentos de percussão e tambores, então a bateria seria aceitável na adoração.
- A Bíblia relata que tambores foram usados apenas em ocasiões festivas e não em cultos ou adoração. Eles foram sistematicamente excluídos do Templo e não fazem parte da música celestial descrita no Apocalipse. É errado pensar que os instrumentos de percussão citados na adoração bíblica poderiam ser tocados da mesma maneira que a bateria é tocada hoje.

- Existe uma grande diferença no modo em que os tambores (bumbo, tarol, tímpano) são tocados numa orquestra e a bateria (coleção de tambores e acessórios de percussão incluindo pratos) numa banda rock.
- A bateria foi inventada para o único propósito de fortalecer a música jazz, blues, rhythm and blues e todas as variedades de rock-n-roll. Por isso, não pode ser separada da origem da música rock e jazz.
- Nenhuma música pode incorporar a bateria sem, automaticamente, transformar-se em rock, jazz ou seus híbridos.
- A música designada para a bateria acompanhar não fora inventada até muito recentemente. Isto significa que a bateria era desconhecida pelos escritores bíblicos. Além disso, nunca deveria ser confundida com outros tambores normalmente tocados numa orquestra.
- O rock e o jazz estão associados a sexo, drogas, ocultismo e rebelião, por isso são formas de música inadequadas para a adoração, então a bateria está automaticamente incluída como inadequada também, pois foi inventada e usada exclusivamente para ser a força motriz destes tipos de música.
- Não podemos “Cristianizar” a bateria assim como não podemos tornar o Domingo o novo dia de Sábado.
- A música rock e a bateria comunicam o pensamento do Relativismo e do Pós-modernismo: não existe verdade absoluta - não há padrão para julgar se algo é certo ou errado, depende da cultura de cada povo.
- As palavras poderiam comunicar as mais sublimes verdades, mas a música tocada com bateria prega outro evangelho. Essa música diz que a verdade de Deus é uma mentira.
- A música rock foi projetada para ser “sentida” antes que ouvida. Os ritmos gerados pela bateria é parte importante nesta experiência. Simplesmente colocar palavras religiosas nesta música não anula seus efeitos nem a torna cristã. Como podem os cristãos reivindicar uma benção com uma música que prega espiritualismo e o falso evangelho pós-moderno?
- Eu acredito fortemente que Satanás tem usado a bateria como conduto para seus demônios e eles irão onde estes instrumentos são tocados, provocando destruição na igreja e na vida dos crentes.
- Muitos acreditam que a única maneira efetiva de alcançar a nova geração é incorporar a música rock e a bateria no serviço de adoração. Eu sei por experiência que tal pensamento é errado.
- Na filosofia bíblica de música a melodia e a harmonia têm prevalência sobre o ritmo, portanto todos os instrumentos de percussão foram excluídos da adoração. A bateria não produz

melodia nem harmonia, apenas ritmo e, além disso, não tem habilidade para acompanhar a voz humana sem sufocá-la. Uma completa contradição aos princípios bíblicos de adoração repetidamente vistos no velho e novo testamento. Conclui-se facilmente, que não existe lugar para a bateria no serviço de adoração atual.

- Como cristãos que querem adorar a Deus no céu e trazer glória a Jesus poderiam tentar harmonizar as origens pagãs da bateria, do rock e do jazz em nossos cultos de adoração?

Depois de ler o que Ellen White escreveu no livro Mensagens Escolhidas vol. 2 pp. 36-38 o autor ficou convencido de que deveria deixar de usar a Bateria para acompanhar o grupo vocal que participava nos cultos de adoração. Não iria mais ser usado pelo demônio para trazer confusão e decepção para a igreja de Deus. Decidiu, então, nunca mais usar a Bateria na igreja novamente (Karl Tsatalbasidis. *Drums, Rock and Worship – modern music in today's church*, Amazing Facts, Roseville, CA, USA, 2003).

CONCLUSÃO: A partir da descrição tanto da música executada pelos anjos na adoração no Céu, quanto daquela executada no Templo de Israel (1 Cron. 15: 16; 2 Cron. 5: 12-14 e 7:6), podemos concluir que a música de adoração, música sacra, que agrada a Deus é para ser executada com a mente e as emoções, ou seja, através da harmonia, melodia, ritmo natural e sem dissonância e movimentação física. Em contrapartida, o ritmo marcado, repetitivo e/ou sincopado tocado por instrumentos que produzem ruído, onde a bateria é o principal, é característico da música pagã ou profana, hoje representada pela música popular em suas várias divisões, incluindo a música gospel.

A música de adoração no Templo de Israel foi executada com instrumentos escolhidos por Deus e relatados a Davi. No livro de Crônicas estes instrumentos escolhidos foram designados instrumentos do Senhor (2 Crôn. 29:25). Embora os tambores fossem instrumentos muito utilizados pelos povos da época, inclusive os Israelitas, Deus não os escolheu para executar música para Sua adoração. Os tambores não foram permitidos, seja para dar algum efeito sonoro, nem tampouco para serem bem tocados ou de forma discreta. Entendo que a música para adoração deve se aproximar ao máximo da música do Céu (E. G. White. *Patriarcas e Profetas*, C.P.B. Santo André, SP, 7ª ed.1985, p. 637), perfeita, onde não existe música com ruído (ondas sonoras com comprimento indefinido) ou com quaisquer instrumentos que acentuam o elemento físico enfraquecendo a influência da mente.

Pode-se concluir, também, que instrumentos que não produzem harmonia nem melodia, mas apenas ruídos (bateria, chocalhos, pratos, triângulos, etc.), servem unicamente para acentuar o ritmo em detrimento da harmonia e da melodia, introduzindo, assim, um

elemento profano na música. Esse desequilíbrio em favor do ritmo acentua os efeitos físicos e atenua a influência da mente. “Tudo quanto desviar a mente de Deus, serve aos propósitos do inimigo” (E. G. White. *Orientação da Criança*, C.P.B. Santo André, SP, p. 540). Portanto, estes instrumentos são próprios para a música profana e não para a música sacra. Seja o som produzido pelos instrumentos tradicionais acústicos, instrumentos elétricos, eletrônicos ou por gravações (play-backs).

Se fomos criados com preferência pela consonância clássica e, quando E. White teve as visões onde escreveu que “Deus não se agrada de dissonância”, este mesmo tipo de consonância preponderava nas músicas da época (E. G. White. *Conselhos sobre a Música*, IAE, 1989, pp. 23 e 37), e, além disso, como a maioria dos ouvintes na igreja tem ouvido menos refinado para as variações harmônicas, então a consonância clássica seria a referência para a ordem e relação de combinação de sons que seriam considerados mais agradáveis pelas pessoas do meio cristão.

Os efeitos produzidos no corpo, pela música com ritmo repetitivo, marcado e sincopado, como: estresse, ansiedade, movimentação física (dança, marcha, exercícios, etc.), euforia, êxtase, transe, hipnose e vício não são compatíveis com a mensagem do evangelho de Cristo nem com os frutos do Espírito Santo e, muito menos, com a verdadeira adoração a Deus.

O vício provocado pelo ritmo da música profana, da qual a música gospel faz parte, aumenta a necessidade de prazer e a busca por outros vícios.

Quanto melhor tocada for a bateria, mais a música gospel se transforma em rock. Mesmo que o som desse instrumento seja pouco audível, o que é difícil de ocorrer, ainda provoca os efeitos físicos que não são compatíveis com a verdadeira adoração a Deus. Além disso, está bem elucidado que o ritmo repetitivo e marcado por tambores, como a bateria, tem origem na religião do demônio (vodu) e tem como objetivo a perda da influência da razão com intuito de levar as pessoas ao estado de transe e à possessão demoníaca.

A bateria não deve ser comparada aos poucos instrumentos de percussão, mencionados na Bíblia, que foram usados na música para louvar a Deus nos momentos quando o povo de Israel ainda não tinha pleno conhecimento da verdadeira adoração. Além disso, ela existe preponderantemente para executar música rock e seus ritmos derivados e híbridos. Como não existe rock sacro, ou rock cristão, pois são conceitos opostos (Oxímoro; Eurydice V. Osterman. *O Que Deus diz sobre a Música*, Unaspress, Eng. Coelho, SP, 4ª ed. 2004, p. 99), não deve ser usada com palavras sagradas e nem na adoração a Deus.

O nome de Deus é profanado quando usado na música com ritmo profano, como na música gospel ou comercial. Seja esta música cantada através do rádio, em casa, na igreja ou qualquer outro ambiente.

As palavras sagradas não anulam nem sequer amenizam os efeitos indesejáveis para adoração provocados no organismo pelo ritmo da música híbrida gospel. Quando ela é tocada e/ou cantada um grupo de ouvintes sente desconforto, irritação, ansiedade e estresse e outro grupo sentirá prazer, pois já está dependente (viciado) e desejará ouvir e executar música com ritmos mais sincopados, mais discordantes e num volume mais alto.

Som com volume igual ou superior a 90 dB produz vibrações no corpo, aumentando os hormônios do estresse e de adrenalina, contribuindo para diminuir a influência da mente sobre as emoções. O uso de tons graves e fortes, como no contrabaixo elétrico, guitarra elétrica e teclados eletrônicos, intensifica estes efeitos.

A música para adoração, música sacra, não é aquela que eu quero, ou aquela que os jovens querem, ou ainda aquela para vender discos, ou mesmo aquela que agrada ao fulano ou ao beltrano, mas é aquela que agrada a Deus.

Deus não aceita a adoração com música onde a letra sagrada está misturada com o ritmo profano, mesmo que a melodia e a harmonia sejam consideradas belas. Essa música é uma ofensa a Deus e podemos afirmar, com base no princípio de separação entre o santo e o profano (Lev. 10:10 e 22:32), que Ele se recusa aceitá-la (E. G. White. *Testemunhos Seletos* vol. 2, C.P.B. Santo André, SP, p. 202).

Se Deus procura adoradores verdadeiros é porque ainda existem falsos adoradores. Se os verdadeiros O adoram com a mente e as emoções, então aqueles que o fazem através da música misturada com elemento profano - ritmo repetitivo, marcado e/ou sincopado – que estimula principalmente o elemento físico, ainda não fazem parte dos verdadeiros adoradores.

Como a música de adoração no Céu, música sacra, com as características já bem definidas é considerada música perfeita, então não precisa nem deve ser modificada, muito menos necessita ser melhorada. Esta é a música mais moderna e a música do futuro, pois será cantada por toda a eternidade pelos santos no Céu e na Nova Terra.

Relata a profetisa do Senhor que após a transladação dos salvos, quando entrarem no Céu, "os remidos lançam suas coroas aos pés de Jesus. Em seguida, o coro angélico emite uma nota de vitória e os anjos nas duas colunas tomam o cântico, e a multidão dos remidos participam **como se houvessem entoado o cântico na Terra, e o haviam feito na realidade**". Isto significa que "precisamos aprender a entoar aqui o cântico do Céu, de modo que quando terminar a nossa luta possamos participar do cântico dos anjos celestiais na

cidade de Deus. Qual é esse cântico? É louvor e honra e glória Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro, para todo o sempre" (Ellen G. White. *Visões do Céu*, C. P. B. Tatuí, SP, 1ª ed. 2004, p. 183).

"Caso estejamos realmente jornadeando para lá, o espírito do Céu habitará em nosso coração aqui. Mas, se não encontrarmos prazer agora na contemplação das coisas celestiais; se não temos qualquer interesse em buscar o conhecimento de Deus, deleite algum em deter os olhos no caráter de Cristo; se a santidade não exerce a menor atração sobre nós – podemos estar certos de que é vã nossa esperança do Céu" (Ellen G. White. *Visões do Céu*, C. P. B. Tatuí, SP, 1ª ed. 2004, p. 64).

Dr. Hélio dos Santos Pothin - heliopothin@gmail.com
Trompetista e Regente de Coro - Cristão Adventista do 7º Dia
Doutorado em Fisiologia Humana pela UFRGS
Professor de Fisiologia Humana na Universidade Federal de Santa Maria, RS.
Obs. As frases foram grifadas e sublinhadas por mim.

| MÚSICA PROFANA (NÃO É PRÓPRIA PARA ADORAÇÃO) | MÚSICA QUE AGRADA A DEUS (SACRA; PRÓPRIA PARA ADORAÇÃO) |
|---|--|
| <p>* MELODIA</p> <p>* HARMONIA: ocorre dissonância</p> <p>* RITMO: REPETITIVO, DISCORDANTE DOS NOSSOS RITMOS (SINCOPADO), ACENTUADO (MARCADO) POR INSTRUMENTOS QUE PRODUZEM RUÍDO (BATERIA, etc.),</p> <p>ESTE RITMO ESTIMULA:</p> <ul style="list-style-type: none"> - MOVIMENTOS FÍSICOS - LIBERAÇÃO ACENTUADA DOS HORMÔNIOS DE ESTRESSE: Adrenalina e Cortisol → Irritação, Ansiedade, etc. - NÚCLEOS NERVOSOS DO TRONCO CEREBRAL: Ocorre liberação de Neurotransmissores que estimulam: Euforia, Ira, Violência, Desinibição sexual, Convulsões, Êxtase, Transe, Possessão → efeitos semelhantes aos provocados pelas drogas psicoativas. - INIBIÇÃO DA MENTE - VICIO: Prazer sem controle da mente. <p>* VOLUME FORTE: Acima de 90 dB.</p> | <p>* HARMONIA: utiliza a mente</p> <p>* MELODIA: utiliza emoções</p> <p>* RITMO: NATURAL, CONCORDANTE COM OS NOSSOS RITMOS.</p> <p>NESTA MÚSICA:</p> <ul style="list-style-type: none"> - NÃO TEM MOVIMENTAÇÃO FÍSICA (DANÇA, MARCHA, AERÓBICA, ETC). - NÃO TEM GESTICULAÇÕES. - NÃO TEM DISCORDÂNCIAS (Dissonância) - O VOLUME É SUAVE: MENOS DE 90 dB. - AS EMOÇÕES ESTÃO SUJEITAS À MENTE. |